

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Luís Brylluse*

Class.: 317

Data: 1 de Junho de 1986

Pg.:

## Jovens assumem comando da política indígena

### Marcos Terena, Ianaculá e Megaron, da nova geração, querem unir todas as tribos do País

Demarcação das terras, das reservas, assistência médica e educação escolar. Questões jamais resolvidas pelos "brancos" agora estão na mira de uma liderança jovem, autenticamente indígena. Na linha de frente Marcos Terena (da Assessoria Indígena do Ministério da Cultura), Ianaculá (Chefe de Gabinete da Presidência da Funai) e Megaron (Chefe do Parque Nacional do Xingu). Uma nova geração decidida a unir todas as tribos do País para encontrar soluções rápidas. Sem delírios eles sabem que este é só o começo, e admitem "nem estarem vivos para assistir uma real mudança de comportamento no tratamento do Governo para com o índio".

CARMEM MORETZSOHN  
Da Editoria de Cultura

Não são poucas as vezes em que se percebem abusos cometidos contra os índios. Não são poucas também as tentativas dos próprios índios de gerenciar a política relacionada à solução de seus problemas. Atualmente o quadro não está diferente dos idos anos da colonização, afinal, terras estão sendo invadidas, índios dizimados e doenças "brancas" atacando as populações indígenas. Só que hoje é tudo mais camuflado. Agora, a nova geração de índios decide unir todas as tribos existentes no País em torno de uma só proposta. E já está com tudo engatilhado.

A idéia é realizar um trabalho conjunto e integrado. Marcos Terena — na Assessoria do Índio no Ministério da Cultura —, Ianaculá — novo Chefe de Gabinete da Presidência da Funai — e Megaron — atual diretor do Parque do Xingu — formarão o tronco básico de união de todas as nações indígenas. A eles virão os pedidos de cada tribo. E também a eles caberá manter a paz entre todos os índios do País. Não será tão difícil: todos desejam a mesma coisa: soluções rápidas.

A solução dos problemas que atingem as comunidades indígenas está em três iniciativas: demarcação das terras das reservas, assistência médica e educação escolar. Questões que vêm se arrastando durante as diferentes gestões governamentais e que nunca receberam um tratamento definitivo por parte das instituições oficiais. Há diversos interesses em jogo. Índio sabe disso. Mas não quer mais que suas terras continuem sendo invadidas por colonos ou garimpeiros, índios continuam sendo assassinados por defender sua aldeia dos invasores ou que seus filhos morram de gripe, por falta de assistência médica.

Nessa linha de frente, autenticamente indígena, estão lideranças jovens com formação universitária que mantêm estreito contato com as lideranças mais tradicionais. E não era à toa que, chegando ao gabinete de Marcos Terena, podia-se ver a presença forte e experiente do Cacique Sererob'ô, liderança máxima da Aldeia Parabubure (na região de Mato Grosso, próxima a Barra do Garças). Seu apoio prova a total interação entre jovens e velhos. E dele também a certeza: se o Governo Federal não ajudar, de nada adiantará o esforço de seus irmãos.

Aqui, o novo Chefe de Gabinete da Presidência da Funai — uma vitória na luta dos índios uma vez que seria indicado um branco para a função — o índio Ianaculá, fala de suas expectativas e do pensamento que irá reger todo seu trabalho no órgão: ser apenas um canal permanentemente aberto às questões indígenas. Também Marcos Terena mostrará os frutos de seu trabalho, iniciado há dois anos, e Megaron, o diretor do Parque do Xingu, fará diversas reivindicações para o melhor desenvolvimento de seu trabalho. E, para dar uma visão mais experiente de quem já teve que se pintar para a guerra e ficar com a lança na mão na briga por seus interesses, o Cacique Sererob'ô — Celestino em português — apresentará alguns apelos ao Governo Federal no sentido

de agilizar a condução das questões indígenas.

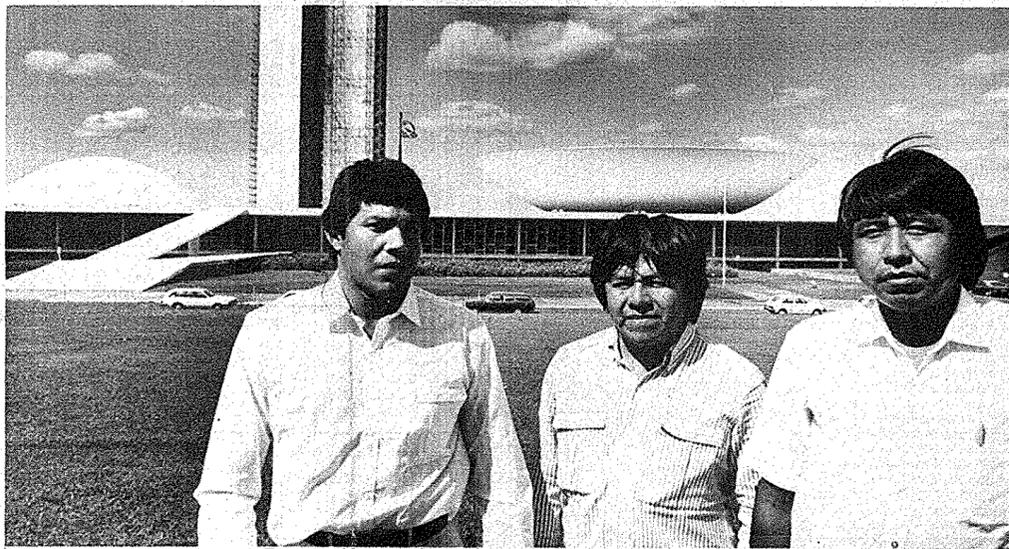
Ianaculá nasceu no Xingu em berço espíndido: seu pai é o Pajé Sapaim. Aos cinco anos deixou sua aldeia e foi conhecer a cultura do branco. Estudou no Rio de Janeiro e começou a cursar a faculdade de direito em São Paulo quando voltou para trabalhar junto à sua comunidade. Logo sua liderança foi sentida e ele foi indicado para atuar no Setor de Assistência ao Índio do Parque do Xingu. Juntamente com Megaron, executava a função de intermediário, representando dos interesses das comunidades indígenas fixadas no Parque.

Há menos de um mês a sede da Funai no Distrito Federal foi novamente palco de várias discussões. A posse do novo Presidente da Fundação Nacional do Índio, Romero Juca Filho, trazia consigo uma questão polêmica: a indicação de seu Chefe de Gabinete, cargo conquistado pelos índios depois de muita luta e que corria o risco de ser ocupado por um branco. Índios de diferentes nações vieram à cidade e ocuparam o prédio. Ao final, o consenso em torno do nome de Ianaculá.

Logo em seu discurso de posse, Ianaculá mostrou a meta que seguirá em sua atuação no órgão. "Quero que a chefia seja um canal permanentemente aberto às questões indígenas e que a participação do índio das comunidades seja maior dentro da própria Funai". E aproveitou também para manifestar-se a favor da descentralização do órgão. "Prendo apoiar a descentralização no sentido de fortalecer e reestruturar os postos indígenas. Estabelecer o contato direto das comunidades com a Funai e fornecer assistência médica e educacional, além de auxiliar no desenvolvimento comunitário, linha que vem sendo seguida no Parque do Xingu". Mas Ianaculá informa: para que a Funai chegue às comunidades mais distantes e realize um trabalho sério é preciso que o órgão conte com pessoal indígenista preparado para cada área. "Meu trabalho será em cima da atuação do Presidente da Funai, fazendo movimento das comunidades no sentido de pressionar a agilidade na demarcação das terras indígenas. Esse é o maior problema, o primeiro passo para uma ação efetiva da Funai".

Na assessoria às questões indígenas, Ianaculá pretende contar com a presença de índios capacitados com liderança nas áreas e de diversos grupos: Xavante, Terena, Tchucarramãe... E todos dispostos a trabalhar muito: "Isso de ficar nos escritórios não resolve em nada nossos problemas. Eu mesmo não quero ficar na mesa, mexendo com papéis. Temos mesmo é que ir à luta".

Há dois anos os índios davam importante passo em direção da condução de seus problemas: a Chefia de Gabinete da Presidência da Funai seria ocupada por um de seus irmãos. Pesquisas feitas nas comunidades, foi indicado o nome de Marcos Terena. A partir daquele momento, Terena teria a voz para representar todas as nações indígenas do Brasil. Algum tempo depois era criado o Ministério da Cultura e, em seu quadro, a inclusão da Assessoria do Índio. Ninguém melhor para ocupá-la do que o próprio



Ianaculá, Terena e Megaron foram a nova base na condução da questão indígena.

Marcos Terena. Com a posse do economista Celso Furtado no MinC a assessoria foi ligada à Secretaria de Atividades Sócio-Culturais, na Coordenação de Etnias. Uma assessoria que, segundo Terena, foi criada em função da temática indígena e que procura desenvolver um trabalho que atinge às duas sociedades: indígena e branca. Um exemplo dessa atuação é o programa A Voz do Índio, veiculado pela rádio MEC, que atinge a quase todo o interior do País durante uma hora das noites de domingo.

Uma das constantes batalhas de Terena é relacionada à quebra do preconceito: "Lutamos para incentivar os valores humanos da sociedade indígena, a partir da necessidade de acabar com os preconceitos existentes e com a imagem distorcida do índio na sociedade branca. Isso é possível ser feito através do próprio índio. Por isso é que existem as interferências no trabalho da Funai quando ela se afasta deste compromisso rondoniano: Fazer do índio um índio melhor".

Na verdade, independente da Funai e do Ministério da Cultura, existem molas mestras que são representadas pelas lideranças mais jovens e que atuam tanto no poder executivo quanto se preparam para o poder legislativo, através de candidaturas à Constituinte. São nomes ligados ao PT, ao PDT ou ao PMDB e que apresentam a mesma pauta: o compromisso com as comunidades e com os direitos indígenas. "A Funai sofre todo tipo de pressão, vacila muito e não tem a postura firme que deveria ter — diz Terena. Com isso, tende a ser desacreditada pela sociedade e pelos próprios índios. Com as candidaturas alguma coisa pode ser mudada".

A idéia é fazer com que as questões indígenas sejam resolvidas pelos próprios índios. Megaron está realizando um trabalho mais amplo às bases. Ianaculá será ponte com as diversas lideranças e atuará como termômetro. Terena prosseguirá um trabalho de divulgação: um trio que atuará como "puxador". Mas não existem delírios: os três sabem que este é apenas o início de um passo muito maior. Sabem também que, talvez, nem estejam vivos para assistir a uma real mudança de comportamento no tratamento do Governo para com os índios. Mesmo assim, querem começar. "A Funai existe há 80 anos. Talvez estejamos passando por uma fase e não vejamos a concretização pois este é um trabalho de gerações. Desde a fundação da Funai, 100 sociedades indígenas desapareceram apesar da existência do órgão. Estamos preocupados com a sobrevivência das 200 nações restantes".

Para Terena, um dos maiores erros cometidos pela Funai está em sua Frente de Atracção: "Eles vão e fazem os primeiros contatos com os índios ainda arredios. Conseguem torná-los amistosos para a convivência com brancos e depois nunca mais voltam. Ou seja, não dão assistência médica. Com isso, a gente vê exemplos de índios morrendo de gripe ou mesmo crianças morrendo para as cidades em busca de hospitais por estarem com tuberculose. Ora, o contato não termina numa só missão: ele começa aí". Outra questão importante: para os índios, o órgão beneficia sempre pessoas que não conhecem a fundo a questão indígena, que nunca convivem com eles... os mesmos. "Muitas vezes a gente briga em ajuda aos funcionários brancos que trabalham junto às comunidades, pois os privilegiados são sempre os mesmos".

Nada é fácil para os índios no País. Toda e qualquer pequena decisão depende de muita luta. As grandes, então,

levam anos até serem aprovadas. O caso da indicação de Megaron para a direção do Parque do Xingu não foi diferente. Tudo começou com a briga por índios na Chefia de Gabinete da Funai e na direção do Parque do Xingu, cargos ocupados por brancos. Na época, 15 km de terras indígenas haviam sido invadidas por brancos: os índios exigiam a demarcação definitiva. A demissão de Otávio Ferreira Lima da Presidência da Funai foi o estopim. Lideranças de diversas nações vieram a Brasília, afinal, era indicado o novo Presidente do órgão, Jurandir, a quem os índios cobriam a solução de seus problemas. Uma das primeiras decisões do novo presidente foi a nomeação de Megaron para a direção do Parque e Ianaculá para a assistência. Desde então, Megaron tem desenvolvido um trabalho voltado às comunidades e lutado por maior assistência à saúde e à educação.

A invasão de brancos nos limites do Parque já é uma rotina. Megaron, no entanto,

pensa também no auxílio direto aos quatro postos existentes no Parque: Dlauarum, Favuru, Capoto e Posto Leonardo. "Preciso de apoio da Funai, em dinheiro, pois sem isso não posso fazer nada. Como construir a casa de saúde, a escola? Como atender às necessidades do pessoal? Como comprar medicamentos?" Neste sentido, Megaron já conseguiu a verba de Cz\$ 2 milhões para erguer os pequenos prédios nas aldeias. Mas avisa: "Se o dinheiro não der para fazer as construções, vamos pedir mais. Vou até onde o pessoal quiser. Prometi ao novo Presidente da Funai que ficarei com ele até o dia em que ele permanecer no cargo". E, ao contrário de todos os políticos, Megaron afirma: "Se eu ficar muito tempo nessa função, posso começar a fazer coisas erradas. Quando sair, vou entregar o cargo para outro índio. Estamos preparando outras pessoas para no futuro, ocuparem os cargos relacionados à questão indígena".

O Parque do Xingu tem sido

## OVNI's também escolhem o Xingu

O céu do Xingu é claro, aberto, estrelado. Em noite de festas, umas poucas fogueiras são necessárias para que toda uma aldeia fique iluminada. O som do Xingu é o da natureza, dos pequenos bichos que vivem nas beiradas dos rios, dos ventos tocando as folhas das árvores. Um cenário perfeito para uma história de amor. O palco ideal para um contato, em qualquer nível.

Ver uma estrela mais forte passando rapidamente pela aldeia, rasgando o céu e acompanhando o percurso de uma canoa é algo rotineiro na vida das comunidades. "Mais uma invenção do branco" pensam muitos. Mas para alguns, com instrução na cultura branca, não se trata de

avião e nem de estrela. Em 1976, Megaron descansava tranquilo na rede quando viu uma luz forte e rápida vindo de um objeto estranho. Sabia que era coisa de outro mundo. Foi uma experiência inesquecível e que não mais se repetiu, pelos menos tão nitidamente.

Ianaculá nasceu no Xingu mas se educou entre os brancos. E ele quem fala: "O pessoal lá não tem noção de que seja extraterrestre e sim da coisa de branco. Lá no Xingu é mais fácil ver os objetos pois não tem luz e o céu é claro, aberto. Cheguei no Parque de novo em 1976 e soube que antes todos eles tinham visto várias aparições. Isso continua a acontecer. No ano passado, a

enfermeira de uma aldeia precisou sair de noite para atender um paciente e levou consigo um índio. Quando eles estavam no barco, no meio do caminho, foram acompanhados por uma luz forte e brilhante. Quando chegaram ao local onde deviam ficar, a luz partiu. Era entre o Posto Leonardo e o Favuru". Segundo Ianaculá, todo índio já teve este tipo de experiência. Ele mesmo conta a sua: "Eu vi um objeto sobrevoando a aldeia como se fosse a luz forte de uma grande estrela". Mas ninguém ousa afirmar o que são essas visões e muitos até não gostam de falar sobre o assunto. Afinal, suas maiores expectativas estão mesmo aqui na Terra.



Megaron, Ianaculá, e Terena, só por enquanto nos gabinetes: "Temos mesmo que ir à luta"



Cacique Sererob'ô, uma das maiores lideranças Xavante.

veiculado como um verdadeiro cartão postal da vida dos índios no País. Toda a imprensa tem interesse em visitar o local e estudar a vida das comunidades ali fixadas. Só que é uma realidade única: a miséria de outras nações permanece sem solução. E, além desse problema, existe outro. Com a constante visita de brancos ao Parque, vários índios adoecem e não possuem qualquer assistência médica no próprio local: são obrigados sempre a se deslocarem para as grandes cidades. O custo é imenso e não há recursos. Por isso, Megaron tomou uma séria decisão: "Fiz um pedido à Funai para dar um tempo nas visitas de pesquisadores e cineastas para deixar o pessoal tranqüilo. Sempre vai alguém gripado e isso fica caro para a gente. Não tem jeito de tratar lá, tem que pedir avião para levar à cidade. Fizemos um documento proibindo a entrada de qualquer estudioso na área do Xingu".

No Parque do Xingu estão 3.000 índios. Seus quatro postos possuem lideranças indígenas. Em todos, o mesmo objetivo: terra e saúde. "O que precisamos é saber o que há de bom na cultura do branco; o que existe de ruim não tem interesse em conhecer. Queremos unir as cabeças para trabalhar pelos problemas indígenas. Por isso, dou apoio ao Presidente da Funai enquanto ele estiver trabalhando para o índio. Quando fizer alguma coisa contra qualquer índio eu não vou apoiar. E é assim também que meu tio Raoni pensa. Os índios não se unem por causa da distância que os separa, mas todos têm a mesma idéia".

Ao lado das jovens cabeças da nova geração, a experiência e a maturidade do Cacique Sererob'ô, da aldeia Parabubure, uma das maiores lideranças Xavantes. Olhar firme e palavras tranqüilas, em seu idioma, Celestino (tradução de seu nome para o português) deu seu apoio aos irmãos mais jovens. E formulou diversos apelos ao Governo Federal. "Essa nova administração da Funai é muito animadora para a comunidade Xavante, assim também como Ianaculá na Chefia de Gabinete. Estou animado com o fato de os índios terem mais espaço dentro do próprio órgão de proteção ao índio. Acho que, no futuro, o próprio índio vai tomar conta da Funai. Essa conquista ainda é pequena, mas tarde o índio deverá ocupar a Presidência do órgão. Mas a indicação de Ianaculá conseguiu unir todas as tribos e fazê-las lutarem juntas".

Sererob'ô também partilha da mesma opinião de Megaron: enquanto o presidente estiver lutando pela causa indígena terá seu apoio. Se vacilar, verá muita briga. "Não adianta o Presidente da Funai prometer muita coisa, nem o Chefe de Gabinete prometer muita coisa aos seus irmãos. Para os dois poderem fazer algo em favor dos índios é preciso o apoio do Governo Federal, do Presidente Sarney. Ele tem que estar ciente da problemática do índio. Por isso, faço um apelo para o Governo Federal dê maior apoio a esses dois que estão começando a trabalhar agora. E preciso agilizar os recursos para os projetos de desenvolvimento comunitário das nações indígenas. Gostaria de falar pessoalmente com o Presidente da República, mas acho que seria impossível. Gostaria então de frisar que as delegacias regionais de todo o Brasil necessitam recursos para saúde, educação e projetos de desenvolvimento".

Sererob'ô já pegou em armas para conquistar seu pedaço de terra. Ele sabe, melhor do que ninguém, que a demarcação não será uma iniciativa muito fácil. "O Governo também é pressionado pelos fazendeiros, não é fácil fazer a demarcação. Mas tenho esperança nisso. Seria bom se o Governo demarcasse toda a terra do índio pois a terra é nossa vida. Estou lutando para conseguir mais terra para os Xavantes, em Parabubure, pois nossos antepassados trabalhavam e viviam lá e agora elas estão em mãos de brancos. Faço um apelo ao Governo Federal no sentido de demarcar toda a terra do índio no Brasil, afinal, o País já foi habitado pelos nossos ancestrais. Agora o Governo não pode querer acabar com isso: o Governo tem que apoiar o nascimento de outros índios. Demarcar as terras o quanto antes é a questão principal e eu espero que o novo Chefe de Gabinete tenha participação nisso: ele será o canal nessa questão. Ao mesmo tempo, apelo para que o Governo proteja as pessoas que atuam do lado do índio. Ficamos tristes com o assassinato do Padre Josimo Tavares que também defendia a terra. Por fim quero lembrar que o GOVERNO tem que ter maior respeito à pessoa do índio, a sua cultura e às terras indígenas de todo o Brasil".